

Formação inclusiva e democratizante - desafio da educação a distância

Adriana Barroso de Azevedo¹

Resumo: Discute-se a formação inclusiva e a democratização do ensino superior, entendendo que a inclusão de um indivíduo na sociedade depende do patrimônio cultural que ele acumula durante sua trajetória formativa e de vida. Nesse sentido, a educação é um pilar fundamental para o desenvolvimento do educando e sua acolhida na instituição de ensino superior deve considerar não apenas suas defasagens cognitivas, mas propiciar ações pedagógicas que ajudem o ingressante a se desenvolver em sua totalidade, como estudante, ser humano e cidadão. Defende-se nesse texto, através de argumentação teórica e dados quantitativos que há um potencial democratizante e inclusivo bastante presente na educação a distância – EAD e a história recente da ensino superior brasileiro comprova tal afirmação.

Palavras Chave: educação a distância, formação inclusiva, ensino superior, democratização.

Abstract: This article discusses the inclusive formation and democratization of the higher education, understanding the inclusion of an individual in the society depends of the cultural inheritance accumulation during his/her educational and life trajectory. Therefore, the education is an underlying pillar of the student developing and his/her welcome in the institute of higher education has to consider not only his/her cognitive levels, but it has to provide pedagogical actions that help the beginner to develop the skills like a student, human being and citizen. This text defends, through the theoretical argument and quantitative data, that there is an inclusive and democratizing potential widespread in the distance education and the higher education recent history confirms this statement.

Keywords: distance education, inclusive formation, higher education, democratization.

Introdução

A inclusão não é apenas um processo educativo de acolhida adequada às pessoas com necessidades especiais (principalmente físicas). Para além dessa preocupação com aqueles que visivelmente demonstram suas limitações, trazendo marcas em seu próprio corpo, entende-se, no presente texto, a inclusão como um processo de construção ou resgate do aluno em sua totalidade, aquele que, considerado saudável é tratado como igual, mesmo tendo certas deficiências de formação que o impedem ou dificultam o avanço em sua vida acadêmica.

É sobre essas dimensões da inclusão - cognitiva, de conhecimento formal e fundamentos de lógica matemática e lingüística - que se busca refletir no texto. Inclusão que se constrói através de oficinas, palestras, ações pedagógicas que ajudem o aluno ingressante no ensino superior a se desenvolver em sua totalidade, como estudante, ser humano e cidadão que através de seu projeto de vida poderá contribuir para a construção de uma sociedade mais justa. É um reducionismo tratar do tema inclusão, apenas focando em crianças e principalmente aquelas com alguma deficiência ou necessidade especial. Também não se tratam de ações tradicionalmente conhecidas como propostas de nivelamento, pois ao nivelar estabelecemos que exista um mínimo desejável de conhecimento que o educando deve ter e que esse mínimo deve ser alcançado.

¹. Professora no Programa de Pós-Graduação em Educação e Coordenadora do Núcleo de Educação a Distância da Universidade Metodista de São Paulo.

Espera-se, através das ações de formação inclusiva, que o aluno se desenvolva em sua potencialidade e rompa as barreiras que antes o impedia de avançar, independente desse aluno ter ou não alguma deficiência visível ou diagnosticada como tal.

A EAD no Brasil – Aspectos inclusivos e democratizantes

Há um potencial democratizante e inclusivo presente na EAD. Os cursos superiores oferecidos na modalidade a distância possuem uma organização mais flexível em termos de deslocamento territorial, uma vez que em grande parte das instituições o aluno vai ao pólo de apoio presencial uma vez por semana. Tal característica tem permitido o acesso ao ensino superior de um número crescente de alunos oriundos de classes sociais menos favorecidas e principalmente daqueles trabalhadores que diariamente enfrentam longas jornadas de trabalho e seu salário é elemento principal de sustentação de sua família.

Conforme dados apresentados pelo Prof. Dilvo Ristoff² no 17º Congresso Internacional de Educação a distância promovido pela Associação Brasileira de Educação a distância – ABED, em setembro de 2011 em Manaus/AM, os alunos que optam por estudar na modalidade a distância, em sua maioria são casados, com dois ou mais filhos e tem renda de até três salários mínimos. Apenas 14% dos alunos da EAD possuem pais com formação em nível superior, 13% possuem pais sem nenhuma escolaridade e analfabetos. Em relação ao perfil apresentado dos alunos dos cursos presenciais o aluno da EAD é mais velho, mais empobrecido, menos branco, mais casado, mais oriundo de escolas públicas e seus pais têm menos escolaridade. Uma diferença interessante destacada por Ristoff é que o aluno da EAD lê menos que o aluno do presencial, mas estuda mais, faz mais uso de livros textos, manuais, apostilas que livros e capítulos de livros. É também um aluno mais assistido pelo professor, uma vez que nos processos de supervisão e regulação há a exigência de um quantitativo de horas para atendimento de cada aluno.

Dos seis milhões de matrículas no ensino superior em 2011, 1 milhão foi de alunos que optaram por estudar na modalidade a distância. Até 2010 mais de 132 mil alunos haviam concluído sua formação superior em cursos oferecidos na modalidade a distância.

A Educação a Distância vem se constituindo no Brasil como um desafio pedagógico para docentes e discentes, gestores das instituições que, assumem o compromisso de trabalhar com a modalidade, um enorme desafio social pelas possibilidades de atuação e alcance.

As dificuldades inerentes ao processo de construção da modalidade não têm impedido o grande crescimento da EAD no Brasil e as possibilidades abertas a partir de seu desenvolvimento. Para os programas de pós-graduação e pesquisa fica o desafio de desenvolver estudos relacionados a EAD para melhor entendê-la, contextualizá-la e vivenciá-la no âmbito das instituições de ensino superior do Brasil.

A evolução da educação à distância - EAD, como prática de qualidade no contexto educacional brasileiro e não como alternativa de segunda categoria para os

² O professor Dilvo Ristoff é Professor Titular da Universidade Federal de Santa Catarina. Foi, durante o último ano, Diretor de Educação Básica da Fundação Capes – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior e foi Diretor de Estatísticas e Avaliação da Educação Superior do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep/MEC), de junho de 2003 a janeiro de 2008. Atualmente é presidente da Comissão de Implantação da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS).

menos favorecidos, tem colocado em pauta a necessidade de uma reflexão sobre vários conceitos que envolvem o processo de ensino e aprendizagem. Não se trata simplesmente de transpor os conteúdos da aula presencial para o ambiente virtual de aprendizagem e transformar a comunicação em um processo mediado pela tecnologia. Há que se fazer adaptações profundas, não apenas no formato, mas, sobretudo, na forma de ver a educação e os processos de interação.

É notadamente reconhecida, na visão de Aretio (2002) a necessidade de elaborar fundamentos teóricos que alimentem, justifiquem, guiem, forneçam significados e facilitem desenvolvimentos futuros para as realizações práticas. São as idéias, surgidas no mundo das teorias, que revelam novas formas de conhecer e sugerem alternativas. As realizações práticas eficazes e de qualidade, e a educação deve ser inquestionavelmente uma delas, devem se embasar em postulados teóricos sólidos, coerentes e rigorosos. A teoria é fundamental para se entender e transmitir as propostas, métodos e objetivos de qualquer realização prática (GARRISON, *apud* ARETIO, 2002).

Holmberg (1995) sugere que a educação a distância foi se recriando através de *tentativa e erro* com uma base teórica mínima, porém já é sabido que não existe uma única teoria de educação a distância que explique seus fundamentos, estruturas, propósitos, funções e possibilidades e que guie a prática e a investigação empírica (McISSAC, GUNAWARDENA, *apud* ARETIO, 2002).

Certamente o esforço de elaborar teorias consistentes no campo da educação a distância justifica-se porque estas nos oferecerão âmbitos de análises e sugerirão problemas e hipóteses que permitirão continuar avançando na investigação como instrumento de generalização de novos fundamentos teóricos que substituam ou complementem os anteriores. E sempre tomando as realizações práticas como bases da nossa análise e como objeto de melhora da construção teórica. Precisamos de teorias consistentes que mostrem os conhecimentos deste campo perfeitamente organizados e relacionados sistematicamente, que nos ajudem a entender uma mesma linguagem, que nos mostrem caminhos para futuras investigações (ARETIO, 2002).

Conforme Medina Rubio e Garcia Aretio (*apud* ARETIO, 2002) para se elaborar um marco teórico sobre a educação a distância é preciso considerar o conhecimento rigoroso do sistema conceitual e da linguagem específica da educação a distância. Este conhecimento é necessário para sistematizar as leis, idéias, princípios e normas que a constituem, para garantir um nível de compreensão adequado desta modalidade de ensino que permita descrevê-la e explicá-la, para entender e interpretar em seu verdadeiro alcance os problemas que permeiam a educação a distância e compreender o significado dos conhecimentos já consolidados neste campo. Outra questão importante que se deve considerar ao se teorizar sobre a educação a distância é a explicação e a regulação do processo de intervenção pedagógica nesta modalidade que se baseiam nos sistemas de comunicação didática entre o docente e os estudantes, através do diálogo, habitualmente mediado, seja este simulado, real, sincronizado ou assíncrono. Outro destaque é o conhecimento das técnicas, estratégias e modelos de investigação educativa que são utilizados com resultados positivos neste âmbito de conhecimento.

Portanto, para Aretio (2002) o marco teórico da educação a distância deve estar embasado em um aporte conceitual que delimite o objeto desta modalidade educativa, nos procedimentos adequados para a intervenção pedagógica e nos métodos de investigação que possam gerar teorias e melhorar a prática.

Alguns autores buscam compreender a educação a distância pelo estudo da distância, como estar presente ainda que distante? Para suprir a distância espacial e a assíncrona entre emissão e recepção de conteúdos veiculados, buscam-se maneiras de

estar ao lado de cada aluno, no momento que escolhe para estudar. O que pode propiciar essa “presença à distância”? Moore (1993) escreve sobre a “distância transacional” designando o conjunto de fatores que podem contribuir para a distância perceptiva/comunicacional entre educador e educando. Para ele a distância transacional existe em todos os programas educativos, e a amplitude dessa distância se mede pela presença ou ausência de um diálogo educativo e pela presença ou ausência de uma estrutura limitadora do diálogo no curso, ou seja, há maior distância transacional quando se tem um alto nível de estrutura do curso e pouco diálogo, já quando o processo pedagógico é pautado pelo diálogo e a estrutura do curso não limita essa prática, a distância transacional diminui, independente do distanciamento geográfico que haja entre educadores e educandos.

Desta forma, cada situação pedagógica compreende um índice de distância transacional, principalmente na EAD. As decisões pedagógicas que são tomadas no âmbito do projeto do curso é que definirão o índice de distância transacional, tendo em vista que há um enorme potencial oferecido pelas novas ferramentas de informação e comunicação, as mídias interativas que se constituem como fortes organizadoras das relações pedagógicas e das escolhas didáticas.

O ciberespaço definido por Levy (1996) como “o novo meio de comunicação emergente da interconexão mundial dos computadores”, passa a modificar a nossa relação com o saber. As tecnologias da comunicação presentes na sociedade levam a um crescente e caótico acesso a informação. Os alunos da educação a distância, usuários cotidianos da rede, precisam desenvolver habilidades que lhes permitam explorar os conhecimentos que se tornam cada vez mais acessíveis pelos inúmeros canais de comunicação e informação.

Porém, esse acesso facilitado à informação não garante melhor aprendizagem, as tecnologias da informação e comunicação se não forem utilizadas em um contexto pedagógico renovado, inovador e criativo poderão apenas reproduzir o modelo de ensino presencial tradicional, sem que haja um aproveitamento das diversas possibilidades que elas poderiam proporcionar ao professor.

No que se refere aos aspectos democratizantes da EAD, conforme dados do IBGE em 84% dos domicílios brasileiros não há ninguém que tenha feito um curso superior e apenas 10% dos brasileiros tem esse nível de formação. O Brasil dá acesso à educação superior a menos de 15% dos jovens de 18 a 24 anos. A maioria desses jovens que vivem no interior do país não possui em seus municípios sequer a oferta de um curso superior presencial. Nesse sentido, “a educação superior orientada para a democratização e para a inovação requer a articulação de objetivos de curto e médio prazos, integrando-se com políticas mais flexíveis e duradouras em direção a uma sociedade mais igualitária” (VEIGA, 2000, p. 218). Apenas 30% dos municípios brasileiros possuem cursos superiores presenciais e em 70% do país não há oferta regular de ensino superior presencial.

A educação a distância se destaca como um instrumento potencial para promover educação inclusiva no Brasil, educar a distância pode significar democratizar a educação superior no país e facilitar o acesso ao mundo do trabalho, desde que considere a diversidade e a igualdade com respeito pelas diferenças e pelas necessidades individuais, desenvolvendo nas práticas formativas as potencialidades de cada aluno através de percursos individualizados de aprendizagem e respeitando as características e o ritmo de cada aluno.

Na visão de Aretio (2002) a educação a distância democratiza o acesso a educação porque aumenta consideravelmente o número de espaços escolares oferecidos, atendendo a uma população estudantil geograficamente dispersa e, em particular, aquela que se encontra em locais distantes das instituições convencionais.

Oferecem também, uma segunda oportunidade aos que não puderam iniciar ou concluir os seus estudos, tornando-se um elemento primordial para a igualdade das oportunidades educativas, permitindo que os alunos continuem seus estudos sem os requisitos de espaço, assistência e tempo, próprios do ensino tradicional, estendendo dessa forma os benefícios da educação. Outro fator importante é a garantia da permanência do estudante em seu meio cultural natural, evitando-se os êxodos que poderiam incidir negativamente sobre o desenvolvimento regional, principalmente em um país com as dimensões continentais do Brasil. Para os alunos a diferença mais evidente está no contraste entre a homogeneidade de idade, qualificação e nível no ensino presencial e a heterogeneidade destes elementos no ensino a distância. Bem como, na diversidade cultural apresentada em função da continentalidade do país.

A educação a distância não é apenas aprender de longe; supõe a permanência do indivíduo em seu meio para convertê-lo assim em um fator de educação (CIRIGLIANO, *apud* ARETIO, 2002). Neste sentido, educar é preparar para a liberdade, transformar o aluno em um ser livre por saber escolher e atuar socialmente.

O ensino ganha significado novo quando propicia o prazer da descoberta e a importância do conhecer, quando provoca a observação, mobiliza a curiosidade, move a busca de informações, esclarece dúvidas e orienta as ações, em suma, quando supre as necessidades vitais do discente (CHIZZOTTI, 2001, p.103).

Desta forma, as instituições educacionais e suas propostas, independente da modalidade que atuam, devem contribuir para que o homem, em seu processo educacional possa reaprender a pensar, num processo permanentemente voltado para as questões do cotidiano, a partir de análises e implicações sociais, econômicas, culturais e ideológicas. Devem-se formar um profissional que reflete a ação, as estruturas, as condições de trabalho, os modos de organização e controle, enfim, um profissional que interfira na realidade, sujeito autônomo que não apenas reproduz, mas que, através de sua criatividade, reconstrói a vida social.

Na EAD não há um único local de encontro e há várias possibilidades de trabalho coletivo, pois os alunos podem estar geograficamente muito dispersos, sendo, em sua grande maioria, adultos que trabalham e que dispõem de um tempo parcial para os estudos, mas o ambiente virtual de aprendizagem e as tecnologias de informação e comunicação permitem novos encontros e composições diferenciadas. Desta forma, processos de ensino e aprendizagem mais flexíveis, autônomos e guiados para que possam executar com flexibilidade e eficiência suas tarefas tornam-se fundamentais em sua formação.

A EAD, através de sua configuração estrutural e com o uso de métodos pedagógicos adequados pode permitir que nos aproximemos da identidade dos alunos, resgatando o que ocorre fora do espaço educacional formal, as transformações derivadas da imensa produção de informação, ajudando-o a aprender a pensar, aprender a questionar, aprender a aprender, aprender a ser, aprender a conviver, incentivando e instrumentalizando a autoria, a co-autoria, a criatividade, o desenvolvimento da autonomia, do senso crítico e da cooperação.

Vale destacar que “as resistências pedagógicas que circundam as práticas de educação a distância não têm impedido, contudo, que estudos e práticas se desenvolvam, apontando perspectivas que contemplam essa característica do ensino como acontecimento, e inaugurando metodologias de interação” (SOARES, 2000, p. 231).

A EAD surge, então, como uma forma de ruptura com um sistema econômico desigual que privilegia o acesso ao ensino superior apenas àqueles que podem se auto financiar uma vez que o sistema superior de ensino público, pelas características inerentes ao processo de acesso, só privilegia àqueles que tiveram trajetória escolar de excelente qualidade, característica pouco presente na formação básica feita nas escolas públicas brasileiras. Vale refletir sobre as questões propostas por Frigotto (1997, p.147):

Que traços culturais, atitudes, valores, habilidades e competências e que tipo de conhecimento deve desenvolver o ambiente escolar para formar pessoas tecnicamente capazes de dominar a nova base científico-técnica do processo produtivo, criar novos conhecimentos para o Brasil se integrar de forma soberana e não subordinada ao processo de globalização e desenvolver uma sociedade efetivamente democrática?

Esta sociedade exige do trabalhador uma atualização freqüente, o que só se torna possível através da educação permanente, desenvolvida a partir de modelos alternativos de ensinar e aprender. A EAD, por sua própria estrutura e objetivos, oferece um âmbito de aprendizagem no qual o adulto pode aprender aquilo que pessoalmente lhe interessa e responde a suas próprias necessidades, resultando em uma vida mais satisfatória e cheia de sentido. O acesso ao conhecimento se dá em múltiplas vias (matérias impressos e multimidiáticos), possibilitando a flexibilidade nos modos de aprender e ensinar.

Além de democratizar o acesso a educação formal, a EAD, para Aretio (2002) proporciona uma aprendizagem autônoma e ligada à experiência, pois os sistemas de EAD buscam capacitar e treinar o estudante a aprender a aprender e aprender a lidar com a tecnologia, forjando sua autonomia quanto ao tempo, estilo, ritmo e método de aprendizagem, ao permitir que tome consciência das suas próprias capacidades e possibilidades de auto formação. Busca-se na EAD que o estudante adquira atitudes, interesses e valores que lhe forneçam os mecanismos precisos para que possa reger a si mesmo, fazendo com que se responsabilize por uma aprendizagem permanente e se converta em sujeito ativo de sua formação de forma a superar as deficiências do sistema presencial tradicional.

Para Cirigliano (*apud* GARCIA ARETIO, 2002, p. 78) a EAD possibilita uma aprendizagem que esteja fundamentalmente ligada à experiência e em contato imediato com a vida profissional e social. Atende a uma população de adultos, em grande parte ativa profissionalmente, que deseja se aperfeiçoar e que dispõem de um tempo escasso para estudo, rompendo assim com os clássicos moldes da educação formal institucionalizada.

Considerações finais

A EAD fomenta o ganho de independência de critério, capacidade para pensar, trabalhar e decidir por si mesmo e de satisfação pelo esforço pessoal (ARETIO, 2002, p. 78). As ações desenvolvidas no âmbito dos cursos a distância possibilitam o repensar a organização do espaço da ação educativa e devem ter por objetivo assegurar a promoção do ser humano, minimizando os efeitos marginalizadores, excludentes, seletivos e impessoais do sistema educacional tradicional.

O sucesso da aprendizagem se deverá também à crença do aluno de que seus objetivos são alcançáveis. No desenvolvimento de propostas pedagógicas em cursos a distância tem-se aprendido que é preciso respeitar os medos que muitos adultos têm

dos processos de formação e é fundamental lembrar que a atenção pedagógica não se diferencia de acordo com a pessoa, nem por sua idade, nem pelo nível dos seus conhecimentos ou dificuldades de estudo. É necessária a relação dos novos conteúdos com os anteriores e com as experiências pessoais dos alunos. Conduzidas da maneira coerente, novas idéias poderão se constituir como base para futuras aprendizagens.

Nesse processo de inclusão, a avaliação é fator importante porque é através de seus processos que o aluno terá condições de julgar sua situação e suas necessidades educacionais, tendo a oportunidade de reconduzir seu esforço, de se aprimorar cada vez mais.

A mudança na forma de aprender e de ensinar e as novas relações que se estabelecem, intermediadas pela tecnologia na EAD podem desencadear ações interativas de aproximação social ou de diminuição das lacunas entre os homens. É fundamental destacar que a instituição educacional assume relevante papel na transformação da sociedade, pois ao ser inclusiva não nivela, mas abre novos caminhos para que seus educandos possam crescer pessoal e profissionalmente. A universidade é, sem dúvida, um espaço privilegiado da inclusão, da democratização do aprender, do ensinar, do pensar, de aprender a reflexão como prática social, oportunizando apoios e estímulos múltiplos.

Referências bibliográficas

ARETIO, Lorenzo García. **La educación a distancia** - de la teoría a la práctica. Barcelona/Espanha: Ariel Educación, 2002.

CHIZZOTTI, Antonio. Metodologia do ensino superior: o ensino com pesquisa. In: CASTANHO, Sérgio e CASTANHO, Maria Eugênia (orgs.) **Temas e textos em metodologia do ensino superior**. Campinas, SP : Papirus, 2001.

FRIGOTTO, Gaudêncio. A escola como ambiente de aprendizagem. In: CASALI, Alípio et al. **Empregabilidade e educação: novos desafios no mundo do trabalho**. São Paulo: EDUC, 1997.

LEVY, Pierre. *O que é o virtual?* São Paulo: Editora 34, 1996.

Recebido para publicação em 08-01-12; aceito em 21-02-12